



## Editorial

Em meados de 2021, a Rebeca passou a ser conduzida por uma Comissão Editorial formada por quatro membros dos conselhos Deliberativo e Fiscal da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE). Nesses dois anos de intenso trabalho, atentamos para o desafio que tínhamos pela frente: melhorar o Qualis Periódicos (Capes) da revista, tornando-a um espaço importante de discussão do cinema e do audiovisual na comunidade científica, mas sem perder as tradicionais seções que acolhem outros tipos de textos, tão importantes em nossa área, como resenhas de filmes e livros, entrevistas, traduções, e a seção Fora de Quadro, que abriga textos inventivos, experimentais e ensaísticos, para além do padrão acadêmico. Salientamos que a Rebeca é uma das poucas revistas brasileiras dedicadas inteiramente ao Cinema e Audiovisual.

Ao final de 2022, a aguardada avaliação Qualis Periódicos, referente ao período 2017-2020, chegou e foi avassaladora: todas as revistas de Cinema, que anteriormente tinham um bom Qualis, foram rebaixadas. A Rebeca ficou mais ou menos onde estava, pois era do antigo estrato B2 (de um Qualis cujo estrato A só tinha duas divisões) e agora se encontra no estrato B1 (de um Qualis cujo estrato A tem quatro divisões), mesmo lugar onde estão atualmente as revistas de Cinema e Audiovisual rebaixadas. Diante da avaliação, que não levou em conta características específicas de Cinema, como o fato de ser uma subárea, há que se pensar nos parâmetros da sua inserção dentro da grande área de Comunicação e no entendimento que a grande área tem de nossas pesquisas –mas tal discussão foge ao escopo deste texto e é desejável que seja feita em outras instâncias. Ao mesmo tempo, o processo avaliativo nos fez buscar, cada vez mais, a melhoria das informações contidas no site, incluindo: normas de funcionamento da revista; a descrição mais clara das seções e uma maior clareza nos critérios de submissão a cada uma delas; uma declaração de ética; a manutenção da periodicidade; a consistência do sistema de avaliação que resultasse em textos melhor acabados.

Além disso, acreditando que o problema da falta de citações aos textos é algo crônico na subárea, temos discutido esse aspecto e convidado os autores e autoras a melhorarem o levantamento bibliográfico e a não deixarem as pesquisas, especialmente as nacionais, na invisibilidade. A Rebeca também se associou à Associação Brasileira

de Editores Científicos (ABEC), o que garante ao periódico acesso a serviços como o *Similarity Check* e capacitação para qualificação de práticas editoriais. Esperamos que, em breve, nossos esforços e as promessas de revisão da Capes nos levem a uma avaliação mais justa na próxima quadrienal (2021-2024), assim como as de outras revistas de Cinema.

Com este número, dois editores da Comissão Editorial se despedem da revista, Marcelo Ribeiro (UFBA) e Patrícia Machado (PUC-Rio), a quem agradecemos o trabalho valioso. A partir da próxima edição, dois novos colegas entram para compor a equipe com as editoras Luíza Alvim (USP) e Miriam de Souza Rossini (UFRGS) e o editor assistente Márcio Zanetti Negrini: são os novos editores Alex Damasceno (UFPA) e Morgana Gama de Lima (UFBA).

Neste segundo número de 2023, a Rebeca apresenta um dossiê especial em homenagem ao grande cineasta documentarista brasileiro Eduardo Coutinho, cuja morte completará dez anos em 2024. Os editores convidados do dossiê são: Cláudia Mesquita (UFMG), professora e pesquisadora sobre documentário; Fábio Andrade (NYU), professor, crítico de cinema e pesquisador da obra de Eduardo Coutinho e Kamilla Medeiros (UFRJ), curadora e pesquisadora da obra de Eduardo Coutinho. O dossiê é composto por sete artigos, um texto da seção Fora de Quadro e duas entrevistas, sendo uma delas realizada com Eduardo Coutinho em 2004 e que pela primeira vez é publicada no Brasil.

Além do dossiê e das seções a ele relacionadas, há seis artigos de Temáticas Livres. Dois artigos abordam questões sobre colonialismo e racismos, seja na historiografia do cinema brasileiro, seja em suas representações; dois artigos tratam de aspectos de construção narrativa em produções audiovisuais estadunidenses; o quinto artigo trabalha com formas de contato de produções fílmicas entre as duas Coreias a partir de um festival de cinema; por fim, o sexto artigo analisa questões algorítmicas em torno da sugestão de produtos audiovisuais, proposta nos *streamings*.

O artigo *Descolonizar a historiografia do audiovisual e cinema brasileiros: a representação e participação indígena, africana e afrodescendente*, de Carolin Overhoff Ferreira, oferece uma contribuição significativa para a descolonização da história do cinema e do audiovisual no Brasil, por meio da interrogação do eurocentrismo constitutivo do cânone consagrado pela historiografia. Buscando uma “conscientização da representação negativa, estereotipada e limitada de personagens indígenas, africanos e afrodescendentes”, o artigo reivindica o reconhecimento do caráter “pluriétnico, pluricultural e pluriepistemológico” do Brasil e enfatiza a ausência de cineastas indígenas e afrodescendentes no cânone historiográfico nacional, apontando para a necessidade de sua revisão, de modo que inclua outras epistemologias.

O artigo de Yuri Garcia, *Mantendo As Boas Maneiras: colonialismo e racismo estrutural no cinema de horror brasileiro*, ao trabalhar com o filme de Juliana Rojas e Marcos Dutra, também aborda a questão do colonialismo e racismo na sociedade brasileira, a partir das temáticas abordadas no longa – romance entre a empregada negra e a patroa branca, relegada pela família por estar grávida fora do casamento. Em especial, o autor tematiza o folclore em torno da figura do lobisomem e as múltiplas camadas que atravessam essas criações folclóricas, de hibridações assimétricas entre as culturas indígenas e europeias, bem como aquelas de matriz africana.

No artigo *Da literatura ao filme, do filme à série: apontamentos sobre o trânsito intermídia/intersemiótico em torno de Psicose*, os autores Gustavo Tanus Cesário de Souza, Filipe Schettini e Antonia Cristina de Alencar Pires partem dos conceitos de intermedialidade e de trânsitos intersemióticos para discutirem as relações entre as diferentes versões fílmicas de *Psicose* e da série *Bates Motel* com a narrativa literária da qual todos derivam. Ao ampliar as discussões para além da noção de fidelidade, os autores abordam aspectos específicos que permeiam as adaptações em seus trânsitos intermediários, como a música e as pinturas na parede.

No artigo *A construção de diálogos em Wes Anderson*, Henrique Bolzan Quaioti considera a grande velocidade de fala dos diálogos nos filmes do diretor estadunidense Wes Anderson, com uma análise fílmica mais detalhada do longa-metragem *O Grande Hotel Budapeste* (2014). Quaioti se baseia no trabalho de Lea Jacobs com a contagem de palavras em diálogos e em estudos de Débora Opolski sobre a verossimilhança da fala em alguns filmes contemporâneos. O autor conclui que a artificialidade dos filmes de Wes Anderson, para além de estudos já feitos sobre a parte visual, vem muito do trabalho com a fala dos atores, portanto, do elemento sonoro.

*Exibição de filmes da Coreia do Norte na Coreia do Sul: Novas aproximações e o caso do 22º BIFAN*, artigo de Gabriel da Silva Pinheiro e Flávia Cesarino Costa, traz um tema bastante incomum de pesquisa: filmes da Coreia do Norte, numa interseção com os estudos de festivais, pois aqueles são considerados a partir de sua exibição no 22º Festival Internacional de Cinema Fantástico de Bucheon, em 2018, na Coreia do Sul. Fazendo um histórico a partir da divisão do antigo território da Coreia em 1945, dentro de um panorama de outras tentativas de aproximação entre as duas Coreias pelo Korean Film Council da Coreia do Sul, os autores destacam o papel deste festival, em particular para as trocas culturais entre os dois países.

Finalmente, *Algoritmos de recomendação: um estudo sobre como funciona e como é descrito o algoritmo de recomendações da Netflix*, dos autores Tiago Franklin Rodrigues Lucena, Eduarda Carretero Garcia, Mariana Maronezzi Brezovsky e Thiago Fanelli Ferraiol, analisa as formas como, ao coletar informações de cada usuário



assinante, a plataforma de *streaming* personaliza a oferta de filmes e séries, a fim de agradar ao cliente, mas também reforçando mais do mesmo e dificultando o acesso a novas experiências estéticas, que ficam “escondidas” nos arquivos da plataforma. Dessa forma, os autores problematizam a relação entre a caixa-preta que são os algoritmos e a utilização de dados coletados de usuários em conformidade com as leis brasileiras, que exigem transparência nas informações e proteção aos dados dos usuários.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura!

Luíza Beatriz Amorim Melo Alvim (USP)

Miriam de Souza Rossini (UFRGS)

Marcelo Rodrigues Souza Ribeiro (UFBA)

Patrícia Furtado Mendes Machado (PUC-Rio)

Márcio Zanetti Negrini (PUCRS)